



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura Internacional

ano 4 • nº 20 • 17 a 23/06/07 • ISSN1809-6182

Análise

20/06/2007 - Quarenta anos da Guerra de 1967.....p.01

No dia 5 de junho de 2007, foram completados quarenta anos da guerra travada entre Israel, Egito, Síria e Jordânia. Essa guerra afetou a configuração de forças no Oriente Médio e gerou questões que influem até hoje nas relações entre israelenses, árabes e palestinos.

Quarenta anos da Guerra de 1967

Análise
Segurança

Fernando Maia
20 de junho de 2007

No dia 5 de junho de 2007, foram completados quarenta anos da guerra travada entre Israel, Egito, Síria e Jordânia. Essa guerra afetou a configuração de forças no Oriente Médio e gerou questões que influem até hoje nas relações entre israelenses, árabes e palestinos.

A Guerra de 1967, também conhecida por Guerra dos Seis Dias, completou, no dia 5 de junho, quarenta anos. Do dia 5 ao dia 10 de junho de 1967, Israel atacou o Egito, Síria e Jordânia, que contaram com o apoio do Iraque, Kuwait, Arábia Saudita, Argélia e Sudão. Como resultado de sua vitória, Israel ocupou a Península do Sinai, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia, as Colinas de Golã e a parte oriental da cidade de Jerusalém.

A criação do Estado de Israel em 1948¹ intensificou a busca por parte de árabes e palestinos por seu Estado na região. Esse fato colocou e coloca Israel em constantes conflitos com seus vizinhos, já que o território ocupa parte do que seria o Estado Palestino e, hoje, a Síria. Ademais, a religião tende a intensificar os conflitos.

Logo na noite de sua criação, alguns países da Liga Árabe (Egito, Líbano, Jordânia e Síria) invadiram o recém criado Estado travando a Primeira Guerra Árabe-Israelense (1948 a 1949). Com a vitória,

Israel aumentou seu território, a Transjordânia² anexou a Cisjordânia e o Egito ocupou a Faixa de Gaza. Essa anexação por parte dos países árabes foi fruto dos armistícios assinados no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU).

A partir de então, as relações entre árabes, israelenses e palestinos tornaram-se tensas, sempre marcadas por constantes conflitos e crises. Nesse contexto, a Guerra de 1967 desempenha um papel importante para esses lados.

Antecedentes e escalada

O entendimento da Guerra de 1967 passa pela análise de alguns acontecimentos históricos que criaram as condições para que o enfrentamento tivesse início em 5 de junho de 1967.

Os Estados árabes nas décadas de 1950 e 1960, principalmente após suas independências, foram marcados por uma baixa coesão interna apresentando fragmentação das forças políticas. As famílias tradicionais e as elites intelectuais que detinham o controle desses Estados, não tiveram a habilidade de manter um Estado coeso e o apoio popular após os

¹ No dia 14 de maio de 1948, David Ben-Gurion leu, em Tel Aviv, a declaração que criava o Estado de Israel invocando o “direito histórico” e a Resolução 181 da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) como fundamento de sua declaração. Ressalte-se que Ben-Gurion foi o primeiro Primeiro-Ministro de Israel.

² Atual Jordânia.

movimentos de independência.

Essa fragmentação política, portanto, criava o ambiente propício para o surgimento de novos movimentos com apelos nacionalistas, religiosos e sociais, capazes de mobilização popular que o Estado não conseguia. Um desses novos movimentos ganhou notoriedade: o nasserismo³. As idéias de Gamal Abdel Nasser, que tomou o poder no Egito em 1952, tiveram grande influência no mundo árabe e ficaram conhecidas pelo nome de *socialismo árabe*. Isto porque ele defendia um estado forte, controlador dos meios de produção e redistribuição de renda e ainda fundamentava suas ações na unidade árabe como forma de gerar apoio popular.

O nasserismo teve grande repercussão nos países árabes que passaram a ver em Nasser e no Egito seus líderes. Ademais, a posse do petróleo e as riquezas advindas de sua exploração ajudavam no fortalecimento do *senso de nação árabe*⁴.

A influência do nasserismo colocou Nasser e o Egito na posição de grandes defensores dos árabes na questão israelense. As negociações sobre o tema entre Israel e Egito trariam, na visão de Nasser, sucesso político e seu país se afirmaria como líder na região. Até mesmo a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), criada em 1964, estava sob influência egípcia.

Contudo, os limites do nasserismo ficaram evidentes com a Guerra de 1967. Esse foi o momento em que alguns fatores confluíram e levaram o Egito à derrota militar e à decadência do nasserismo.

Do ponto de vista interno do mundo árabe, alguns grupos palestinos,

especialmente o Fatah, apoiado pela Síria, começaram a atacar Israel. Além disso, o Egito apoiava movimentos revolucionários pró-nasseristas nos países que reagem a esse movimento, tais como Transjordânia⁵ e Arábia Saudita, por exemplo.

Do ponto de vista externo, o Egito de Nasser, apesar de se dizer líder da causa árabe contra Israel, evitava uma confrontação direta com esse país. Os países árabes, especialmente o Egito, precisariam travar uma guerra definitiva contra Israel para conseguir estabelecer o Estado árabe na Palestina. Contudo, segundo afirmava Nasser, essa tarefa demandava planejamento e preparação cuidadosos, em especial no que se refere à modernização dos exércitos e à posse de quantidade suficiente de armamentos.

Essa tarefa se fazia necessária antes de qualquer enfrentamento, porque Israel, já naquela época, possuía poder militar suficiente para dissuadir um ataque dos países árabes.

Entretanto, essa situação mudou dramaticamente no início de 1967. O governo israelense passou a considerar a possibilidade de uma ação retaliatória contra a Síria em função do apoio que esse país dava a grupos que atacavam Israel. No dia 7 de abril de 1967, Israel promoveu ataques aéreos contra alvos sírios em reação aos ataques desses grupos. Contudo, Israel ameaçava empreender uma ação retaliatória mais contundente contra a Síria do que aquela de abril. Em maio, o então Primeiro-Ministro israelense Levi Eshkol (1963-1969) advertiu que "Israel pode ter que responder [às provocações sírias] numa escala muito maior do que aquela do dia 7 de abril.". A manifestação mais agressiva, porém, veio do então chefe de gabinete (*chief of staff*) das Forças de Defesa de Israel (FDI), Yitzhak Rabin, que afirmou que Israel deveria empreender um ataque expressivo

³ Outro exemplo refere-se ao surgimento do Partido Ba'th na Síria. Esse Partido defendia, segundo Albert Hourani, a idéia de que uma nação árabe deveria "(...) viver num único Estado unido" (p.528). Essas idéias, posteriormente, chegaram ao Iraque e ao Líbano, por exemplo.

⁴ Fonte: Hourani (2006: p.535).

⁵ Atual Jordânia.

contra a Síria, “ocupar Damasco, destituir o regime e retornar.”.

Em resposta, atendendo o disposto no Acordo de Defesa⁶ firmado com a Síria, o Egito deslocou tropas para a Península do Sinai. A intenção era dissuadir Israel de um ataque contra a Síria⁷. Todavia, suas ações conduziram à escalada do conflito.

No dia 16 de maio, dois dias depois da entrada das tropas egípcias no Sinai, Nasser ordenou a retirada das forças⁸ da ONU que se encontravam na península desde 1956, quando da crise envolvendo o Canal de Suez. Sua justificativa fora a proteção dos componentes da força da ONU caso uma guerra fosse iniciada. Entretanto, do ponto de vista político, significava que Nasser cumpria o juramento de deixar o Egito livre da “odiosa presença da UNEF”⁹.

Esse processo de retirada da UNEF não foi tão simples como pode parecer. Com a ordem de Nasser de saída das forças da ONU, o então Secretário-Geral da Organização, U Thant¹⁰, afirmou que as forças da UNEF eram únicas e que ou elas seriam retiradas em sua totalidade ou não

seriam retiradas. Não haveria retirada parcial, segundo ele.

Com o peso da decisão política, Nasser optou pela retirada integral da UNEF. E com a saída dessas forças, o presidente egípcio intensificou o envio de tropas para o Sinai.

Em resposta, Israel, antevendo a possibilidade de uma guerra, mobilizou toda a sua força de reserva. O Primeiro-Ministro Eshkol disse à época: “É a guerra. Estou dizendo a vocês, é a guerra.”.

O fator decisivo, entretanto, foi o fechamento do Estreito de Tiran, no Golfo de Aqaba, pelo Egito, impedindo o tráfego de navios israelenses. Esse fator envolvia menos os aspectos econômicos e mais os psicológicos e políticos: a decisão unilateral de Nasser colocava Israel sob a influência da vontade de seu vizinho árabe, o Egito.

Após duas semanas de espera marcadas por intenso debate dentro do governo israelense, no dia 4 de junho a decisão de responder militarmente ao Egito foi tomada.

A literatura diverge quanto à decisão israelense de ir à guerra. Nesse sentido, é possível identificar duas posições. De um lado, encontra-se uma posição voltada para uma *guerra preventiva* iniciada por Israel contra as movimentações egípcias para uma escalada do conflito (o envio de tropas para o Sinai, o fechamento do estreito de Tiran e a escalada militar). Por essa perspectiva, Israel, ameaçado com a possibilidade de invasão egípcia, teria iniciado a guerra no dia 5 de junho como uma resposta a essa escalada. Os objetivos eram a sobrevivência e a segurança de Israel e não a expansão do território.

Contudo, de outro lado, é possível pensar a decisão israelense, não como uma guerra eminentemente preventiva, mas como uma decisão política que afetava as relações de Israel com o mundo árabe. Nesse sentido, a crise de 1967 não era um acontecimento localizado referente apenas

⁶ Este acordo foi firmado em 04 de novembro de 1966, entre Egito e Síria e previa que um ataque a qualquer um dos dois signatários seria considerado um ataque aos dois e, numa eventual guerra, os exércitos sírio e egípcio trabalhariam conjuntamente sob comando egípcio, segundo informa Moshe Gat (2005).

⁷ Segundo o governo egípcio, o Egito tinha uma “fonte confiável” (a União Soviética) que informava que Israel estava na iminência de lançar um ataque contra a Síria. Do ponto de vista soviético, havia preocupação também já que a Síria era sua aliada. Contudo, a União Soviética não esperava que Nasser tomasse medidas que conduzissem à escalada do conflito.

⁸ UNEF I, *First United Nations Emergency Force*, criada para garantir o fim das hostilidades, a retirada das forças armadas da França, Israel e Reino Unido do território egípcio e para proteger as forças egípcias e israelenses.

⁹ Essa expressão foi retirada de Gat (2005, p.623).

¹⁰ U Thant foi o Secretário-Geral da ONU de 1961 a 1971 e sucedeu o sueco Dag Hammarskjöld.

à relação de Israel e Egito. Referia-se, pois, a uma *oportunidade histórica* de atuação em alguns assuntos relevantes para Israel, particularmente, sua convivência com os países árabes vizinhos que se tornara problemática desde a criação do Estado em 1948.

A tomada da parte oriental de Jerusalém quando do enfrentamento com a Jordânia é um exemplo dessa situação. Com a Guerra de 1967, Israel passou a ter o controle da cidade. O então Ministro da Defesa, Moshe Dayan, disse sobre esse acontecimento: “Esta manhã as FDI libertaram Jerusalém. Nós reunimos a Jerusalém dividida, a capital seccionada de Israel. Retornamos aos nossos lugares sagrados, voltamos com o objetivo de não partirmos nunca mais.”¹¹.

É comum, na literatura sobre a Guerra de 1967, dizer-se que essa foi uma guerra que nem Egito (e, posteriormente, os outros países árabes) nem Israel quiseram, mas acabaram tendo que travá-la. Além disso, no caso de Israel, ressalta-se a inexistência de um plano político para a condução da guerra o que levou à situação de as decisões serem tomadas na medida em que as situações ocorriam.

Essa visão da Guerra de 1967 talvez leve à sustentação da posição preventiva de Israel tendo que responder às pressões dos seus vizinhos. Isto porque, por um lado, Nasser enfrentava a necessidade de manter sua posição de líder numa região em que Israel era militarmente mais forte que os estados árabes. O presidente egípcio, ciente de sua menor capacidade militar, adotou, conforme foi dito anteriormente, a opção de escalar o conflito até um ponto em que a guerra não ocorresse¹². Por outro lado, Israel passou

por duas semanas de indecisão até que no dia 4 decidiu atacar o Egito na manhã do dia 5 de junho.

Contudo, é possível analisar essa guerra do ponto de vista das opções políticas de que Israel dispunha. Não se exclui da análise o fato de Nasser ter adotado a escalada do conflito como uma estratégia. Porém, sua ciência da diferença de poder com relação a Israel não pode ser desconsiderada.

A situação envolvendo a retirada das forças da UNEF do Sinai ilustra esse ponto: o primeiro pedido de Nasser à ONU era de uma retirada *parcial* das tropas já que, ciente da sua inferioridade militar, um pedido de uma retirada total trazia o risco de um ataque israelense antes de uma reunião de força significativa no Sinai.

Assim, a despeito da escalada do conflito, Israel tinha duas opções: buscar uma saída não militar para o conflito ou responder militarmente. Note-se que ambas eram opções políticas que Israel deveria considerar. E aparentemente elas estiveram em jogo. Nas duas semanas anteriores ao início da guerra o Primeiro-Ministro Eshkol discordava da opção por uma guerra defensiva como solução para o conflito. Numa reunião com seus ministros ele perguntou “Vamos viver em guerra para sempre?”¹³ e, por fim, argumentou que uma vitória militar não colocaria fim ao problema “porque os árabes ainda estarão aqui.”¹⁴.

No entanto, uma crise interna ao governo israelense contribuiu para o enfraquecimento da posição do Primeiro-Ministro e para a criação do um *governo de unidade nacional* entre os principais partidos. Além disso, houve a mudança de titularidade na pasta da Defesa: Eshkol que até então era o titular, entregou-a ao

¹¹ Esta citação encontra-se em Shlaim (2004: p.302).

¹² Albert Hourani comenta que esse parecia um risco calculado de Nasser já que os Estados Unidos poderiam intervir para que um acordo fosse negociado evitando a guerra ou, no limite, a União Soviética poderia ajudar o Egito caso a guerra ocorresse. Para uma visão mais

aprofundada sobre esse ponto, ver Hourani (2006, pp.537-538).

¹³ Esta citação encontra-se em Shlaim (2004: p.297).

¹⁴ Esta citação encontra-se em Gluska (2007: p.7).

General Moshe Dayan.

Essa mudança no governo contribuiu para duas situações: primeiro, para o resgate da confiança no governo; segundo para uma solução militar para a situação a partir de um ataque ao Egito no dia 5 de junho.

A partir dessa discussão é possível perceber que houve uma decisão política quando houve a opção por um curso de ação militar. Obviamente, o enfraquecimento do governo Eshkol e a formação do governo de unidade nacional com a influência do exército contribuíram para que esse curso de ação fosse tomado, e não outro.

A guerra

Na manhã do dia 5 de junho, Israel empreendeu um ataque aéreo surpresa aos campos de aviação egípcios, destruindo uma parte significativa das forças aéreas ainda no solo. Sua força aérea e algumas pistas foram destruídas em poucas horas e suas forças terrestres avançaram pela Península do Sinai.

Com o ataque ao Egito, os seus aliados declaram guerra também a Israel. A Jordânia atacou a parte ocidental de Jerusalém e alguns outros alvos como Tel Aviv, por exemplo. Em resposta, Israel destruiu duas das principais bases aéreas localizadas em Mafraq e Amã, bem como derrotou a Força Aérea jordaniana. O Iraque, que havia ajudado a Jordânia nos ataques, também teve uma base aérea destruída¹⁵.

Na parte da tarde, a Síria atacou Haifa, mas foi contra-atacada. A Força Aérea Israelense destruiu algumas bases aéreas e grande parte da força aérea síria.

No dia 6, Israel continuou avançando seu exército pelo Sinai, Egito, e ainda ocupou a Faixa de Gaza completamente. Nesse dia ainda, ocupou a parte oriental de

Jerusalém e entrou na Cisjordânia, ocupando a cidade de Ramallah.

No dia 7, Nasser adiou a proposta de cessar-fogo feita pelo Conselho de Segurança da ONU e continuou lutando. A Jordânia, contudo, aceitou-a e recuou suas forças.

Com a chegada das tropas israelenses ao Canal de Suez, o Egito aceitou o cessar-fogo na tarde do dia 8 de junho. Restava ainda o combate sírio que ocorria principalmente nas Colinas de Golã. As forças sírias estavam estacionadas nessa região e atacavam constantemente alvos no norte de Israel. Este, em resposta, decidiu conquistar Golã. A batalha com a Síria seguiu-se pelo dia 9 de junho com Israel tomando algumas cidades na região até que no dia 10 Golã foi tomada e a Síria se rendeu.

Com a vitória, ficou clara a superioridade militar de Israel em relação aos demais estados árabes. Entretanto, ocorreram perdas para os dois lados. Israel perdeu 40 aviões e teve 364 tanques atingidos, porém, mais da metade deles foi consertada. Além disso, o número de soldados mortos foi de 983 e de feridos 4.517. Entre os árabes (Egito, Síria e Jordânia), 444 aviões e 965 tanques foram perdidos. O número de soldados mortos foi de 4.296 e de feridos 6.121¹⁶.

As consequências

O resultado imediato da vitória israelense foi a ocupação da Península do Sinai, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia, as Colinas de Golã e a parte oriental da cidade de Jerusalém. Do ponto de vista do longo prazo, essa guerra também trouxe consequências para as relações de israelenses, árabes e palestinos.

Nesse sentido, com o fim do nasserismo, os palestinos passaram a ter uma atuação

¹⁵ Foi a Base Aérea H-3, localizada na fronteira entre Iraque e Jordânia.

¹⁶ Esses dados foram retirados de Shlaim (2004, p.308).

independente na busca pelo estado na região. Desse modo, a OLP ficou ciente de que contava consigo mesma nessa busca pelo Estado na região.

Outro aspecto que ganhou destaque diz respeito ao aumento do terrorismo como instrumento de ação política de alguns grupos contra a ocupação israelense. Depois de 1967, apenas a guerra de 1973 foi uma guerra convencional e, desde então, os enfrentamentos entre os atores foram marcados pela adoção do terror como instrumento político.

O padrão das relações entre Israel e Estados Unidos (EUA) também mudou. Se antes da Guerra de 1967 esse padrão era caracterizado por uma “aliança por afinidades”¹⁷, depois dela houve um estreitamento das relações entre esses países que perdura até hoje. Ademais, no contexto da Guerra Fria, o alinhamento dos países da região em torno das duas potências também ficou polarizado: Israel contava com o apoio dos EUA e os países árabes com o apoio da União Soviética.

A ocupação israelense dos territórios citados intensificou o problema dos refugiados palestinos que passaram a ficar sob controle de Israel¹⁸. Além disso, a Resolução 242 do Conselho de Segurança da ONU não foi eficaz na solução do problema dos territórios ocupados por Israel: uma divergência na interpretação do texto por árabes e israelenses era utilizada por Israel para não se retirar de todos os territórios ocupados¹⁹.

¹⁷ Expressão formulada pelo historiador Michael Oren.

¹⁸ Na verdade, esse problema começa com a criação do Estado de Israel em 1948 e com a Guerra de 1948 a 1949. Com a Guerra de 1967, esse problema intensificou-se.

¹⁹ Para um contato com o inteiro teor da Resolução 242 do Conselho de Segurança, remeto o leitor ao seguinte link do site da ONU: <<http://daccessdds.un.org/doc/RESOLUTION/GEN/NR0/240/94/IMG/NR024094.pdf?OpenElement>>. A divergência de interpretação surge do problema de versões da Resolução: a versão inglesa sugere a retirada “de” territórios,

Desse modo, a Guerra de 1967 moldou grande parte da agenda do Oriente Médio pelas décadas seguintes. Vários dos problemas pelos quais a região passou e passa foram criados, ou pelo menos intensificados, com essa guerra.

Referência

Artigos:

GAT, Moshe. “Nasser and the Six Day War, 5 June 1967: A Premeditated Strategy or An Inexorable Drift to War?”. *Israel Affairs*, vol.11, nº4, Outubro 2005, pp.608-635.

GLUSKA, Ami. “Israel’s decision to go to war, June 2, 1967”. *The Middle East Review of International Affairs*, vol.11, nº2, Junho 2007.

Livros:

ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém: Uma cidade, três religiões*. São Paulo, Companhia das Letras: 2000. 550pp.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo, Companhia de Bolso: 2006. 703pp.

SHLAIM, Avi. *A Muralha de Ferro: Israel e o mundo árabe*. Rio de Janeiro, Fissus Editora: 2004. 775pp.

Sites:

Deutsche Welle

<http://www.dw-world.de/dw>

Folha Online

<http://www.folha.uol.com.br>

genericamente; a versão francesa sugere a retirada “dos” territórios. Essa divergência foi explorada por Israel.

Haaretz

<http://www.haaretz.com>

ONU

<http://www.un.org>

ConjunturaInternacional

Pontifícia Universidade Católica - MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Prof. Eustáquio Afonso Araújo

Vice-reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação-Geral: Profa. Liana Araújo Lopes

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Profa. Liana Araújo Lopes; Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: Andre Klausing; Celeste Cristina Badaró; Diego Paes; Diego Pereira; Fernando Maia; Joana Laura Nogueira; Lígia Mello; Luiz Fernando Moura e Castro; Raphael Rezende Esteves.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Itaú, 525, 2º subsolo, Prédio Redentoristas - Dom Bosco - Belo Horizonte - MG - CEP 30850-035 Tel: (31)3319-4426 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>

